

Proletários de todos os Países: UNI-VOS!

Avançante!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

GES
PCP

O governo fascista de Salazar, presta-se a ser um instrumento das manobras da reacção mundial e catérrica no estrangeiro, para se manter no poder. Compromete assim a

INDEPENDÊNCIA NACIONAL.

(Resoluções do II Congresso Legal do P.C.P.)

Neste momento político em que uma nova vaga de perseguições e violências assola o País, a mercê da Gestapo salazarista, o C. N. de Unidade Antifascista, pela voz da sua Comissão Executiva, lança ao Povo português a sua palavra de ordem:

**UNIR MAIS!
ORGANIZAR MELHOR!
LUTAR SEMPRE!**

(De um manifesto)

**IMPOTENTE PARA DOMINAR A CRISE,
O SALAZARISMO INTENSIFICA A REPRESSÃO**

COMO o Partido Comunista previa, as consequências ruins da política salazarista estão a verificar-se.

A accentuar no encarecimento, redução de laboração e despedimentos em algumas fábricas de viros da Marinha Grande; aos despedimentos na Fábrica Textil Avenida, no Porto; na Fábrica da Ferveça, em Alcoçoba; na Fábrica Textil Coats & Cla. 3. (Porto); na Fábrica de tabacos; nas fábricas de chapéus em S. João da Madeira; nos armazéns de vinhos e tanqueiros, em Vila Nova de Gaia; na Construção Civil e em outras fábricas e empresas, os sintomas de crise continuam a accentuar-se, principalmente na indústria textil, cortiças e conservas. Diversos industriais que tinham encomendado maquinaria para modificação e re-touro de fábricas já suspenderam as encomendas. Os armazéns por grosso não têm vendido aos retalhistas e estão a ficar cheios de mercadorias. Os valores das ações estão em baixa. A Construção Civil atravessa grande crise, havendo despedimentos e paralizações de obras no Distrito de Évora. Na lavoura, o pequeno e médio proprietários, particularmente o pequeno, estão sem recursos para enfrentar a sua crítica situação.

As consequências ruins da política salazarista reflectem-se também no comércio. Casas comerciais que tinham um movimento semanal de 3.000.000 não têm agora um terço. Igualmente se reflectem nos titulos

do Estado (que o governo nunca deixou passar abaixo do seu valor nominal) que estão actualmente abandonados perdendo assim os seus possuidores 8 e 10% sobre o seu valor nominal.

Esta crise irá afetar toda a vida económica da nação diminuindo a fonte de receitas do Estado, o que o levará, por esse motivo, a um maior agravamento tributário do povo.

Quem deve pagar? As massas trabalhadoras e as classes médias completamente empobrecidas e na miséria ou no grande capital? Esta questão só poderá ser decidida pela força, entre a maioria do povo e o grande capital monopolista semi-patriá apoiado pelo salazarismo. A agudeza da crise aumentará, inevitavelmente, a tensão entre as relações de classe, tornando as lutas muito mais agudas entre elas.

E precedendo um tal estado de coisas que o salazarismo está intensificando os seus métodos de repressão e terror, para ver se assim consegue intimidar e conter o movimento oposicionista ao seu regime. Depois das prisões dos jovens do MUDJ e de outros democratas; das demissões dos melhores vares da ciência portuguesa; das demissões e prisão de oficiais superiores do Exército e da Armada, entre os quais se encontram homens como o Almirante Mendes Cabeçadas, o governo de Salazar desdenha uma grande ofensiva política contra o

nosso Partido prendendo, entre outros Francisco Miguel, membro do seu C. Central, Agostinho Saboga, João Velga, etc. As longas incomunicabilidades, as torturas e espancamentos estão na ordem do dia. Francisco Miguel, no acto da sua prisão, foi barbaramente espancado pelos bandidos da PIDE que o deixaram irreconhecível, continuando incomunicável assim como Saboga, Velga, etc..

A nova onda de repressões e terror e tentativas de infiltração para divisão desencadeadas pelo governo contra as organizações antifascistas e particularmente contra o P. Comunista, há que responder com a luta organizada de todos os antifascistas portugueses. Só a luta de massas é capaz de fazer recuar o fascismo terrorista de Salazar.

Não será com pateativos e bonitas frases, não será esperando de braços cruzados qualquer milagre de um putche ou qualquer acontecimento externo, ou ainda que Salazar e a sua camarilha fascista abandonem de Lourenço o mando, que se conseguirá livrar o povo português da praga fascista que o explora e oprime. Será antes com a unidade combativa de todas as forças anti-salazaristas que se marchará firmemente para a conquista da Democracia, Progresso e Liberdade.

A nova ofensiva terrorista do Governo

contra os democratas e suas organizações, há que responder com uma forma organizada, mobilizando as massas para o fazer recuar no seu objectivo que é fazer calar a vontade do nosso povo.

Mas para responder de forma organizada, é preciso organizar primeiro, é preciso organizar sempre. Só com organizações legais e legais ligadas às massas da população se poderá mobilizar as massas para a luta pela defesa das suas reivindicações, contra o terror e pela liberdade.

UNIR, ORGANIZAR E LUTAR, são as palavras de ordem que devem ser levadas à prática por todos os antifascistas no momento grave que atravessamos.

UNIR — combatendo todas as tendências divisionistas e conciliatórias que vêm sendo fomentadas pelos falsos democratas e agentes do próprio salazarismo no seio das forças da oposição.

ORGANIZAR — intensificando a criação de Comissões de Unidade do MUDJ, do MUDJ, sindicais, etc..

LUTAR — empreendendo lutas por todo o país contra a grave crise económica e política que nos ameaça, porque só assim poderemos levar o nosso povo à sua completa libertação do jugo salazarista e à constituição de um Governo de Concentração Nacional capaz de resolver os problemas fundamentais do nosso país.

RECORDEMOS BENTO GONÇALVES
— Assassinado no Tarrafal —



Passa agora mais um ano sobre a morte de Bento Gonçalves, no Campo de Concentração do Tarrafal. Para ali o enviou o fascismo português, com o firme propósito de o aniquilar. Salazar (a sua camarilha fascista) prende, tortura e mata os melhores filhos do povo que, como o nosso querido e inesquecível camarada Bento, lutam contra o seu regime de terror e opressão.

O governo salazarista, enviou Bento Gonçalves para o Campo de Morte Lenta do Tarrafal, porque via em Bento um inimigo inflexível da sua política de traição nacional, um dirigente querido das massas trabalhadoras, um filho honesto e firme da classe operária a que pertencia.

Bento Gonçalves foi, até à sua morte, Secretário Geral do P. Comunista Português, tendo sido eleito para esse elevado posto com 27 anos de idade. Bento amava o seu P. e as massas exploradas e oprimidas em defesa das quais deu a sua preciosa vida.

Nascido do povo, filho de camponeses, operário torçido do Arsenal de Marinha desde tenra idade, de que se tornou extenso profissional, Bento amou e defendeu sempre, como bom e honrado patriota, o seu Povo e a sua Pátria. Toda a sua vida foi um exemplo fiel do firmeza e abnegação à causa dos trabalhadores e ao Partido.

Bento Gonçalves foi um lutador inextinguível pela unidade do Partido e em defesa da sua linha política. Soube defender sempre com firmeza o Partido da acção dos provocadores e oportunistas. Bento Gonçalves travou dura luta contra todos os que, esquecendo os seus deveres de comunistas, tentaram impedir a grandiosa marcha do Partido. Morreu Bento Gonçalves, mas o seu exemplo de lutador infatigável perdurará eternamente em nós.

Passa mais um ano sobre a morte de Ben-

to Gonçalves! Mais um ano em que os crimes do salazarismo revivem nos corações de todos os comunistas, de todos os bons patriotas e honestos portugueses.

Ao falarmos de Bento Gonçalves, queremos também prestar sentida homenagem a tantos outros filhos do povo, assassinados pela polícia fascista de Salazar. Os nomes de Alfredo Diniz (Mex), Cadeira, Ferreira Marques, Ferreira Soares, Germano Vidigal e do dirigente anarquista Mário Castelhan, etc., são marcas cruéis e sangrentas do fascismo português. São crimes pelos quais o fascismo salazarista terá que responder um dia. Nós não esqueceremos os nossos mártires e heróis.

Assassinando os melhores filhos do nosso povo, o governo fascista de Salazar tem em vista atemorizar os militantes queridos da classe operária e fazer recuar o seu Partido, o Partido Comunista, o Partido pelo qual morreu tão dignamente o seu dirigente querido, Bento Gonçalves. Mas, no contrário do que o fascismo deseja, o Partido tem intensificado cada vez mais a sua luta pela Democracia, pela libertação do povo português.

A exemplo do nosso querido Bento Gonçalves e tantos outros queridos camaradas caídos na luta, hoje mais do que nunca os seus militantes cerram fileiras em volta da sua Direcção Central. A exemplo de Bento Gonçalves, hoje mais do que nunca a unidade de acção dentro do nosso Partido é uma realidade. A exemplo de Bento Gonçalves, hoje mais do que nunca, os militantes do Partido estão firmemente decididos a sacrificarem as suas vidas, a não pouparem esforços nem canceiras em defesa da sua Pátria, em defesa do Povo que Bento tão honradamente soube defender.

Na passagem do 5.º aniversário da morte de Bento Gonçalves, nós comunistas, devemos intensificar a nossa luta, contra o inimigo nº 1 da classe operária, o fascismo.

A melhor homenagem que devemos prestar a Bento Gonçalves, é lutar, lutar e lutar cada vez mais firmemente, por um Portugal livre e feliz tal como ele o desejou.

Orgulhem-nos de Bento Gonçalves!
Sigamos o exemplo de Bento Gonçalves!

OS TRABALHADORES LUTAM
pelas suas reivindicações

AS massas trabalhadoras continuam dando magníficos exemplos de como se alcança a satisfação das suas reivindicações.

No contrário do que propalam os oportunistas e todos os pescadores em águas turvas, que aconselham o pacifismo e a espera de melhores oportunidades, os trabalhadores portugueses, des, rezando as declarações de todos os estraidores de movimentos de massas, seguem o caminho indicado pelo Partido Comunista: O CAMINHO DA LUTA E DA UNIDADE.

Assim, são os operários salinciros da Moita e Lavradio, que ganhando 30.500 ditros exigiram um aumento de 5.500.

A este justo pedido, os grandes salinciros responderam com ameaças de represálias. Mas os valentes salinciros não se atemorizaram. **Ferres pela sua Unidade**, responderam, no dia 1 de Julho, com a greve, declarando que nada os faria recuar no seu justo pedido. Perante esta firme decisão, os patrões foram obrigados a ceder e os operários salinciros passaram a ganhar 35.500.

São os operários chapelheiros de S. João da Madeira e Arrifano, que por lutarem das suas Comissões de Unidade, protestam contra a semana de 3 dias, e exigem que sejam dados 6 dias de trabalho a tocos.

São os operários da Fábrica da Abelhira, que por meio de uma Comissão, nomeada **concentração em massa** que fizeram junto do escritório, exigiram e obtiveram um aumento de 10%, nos seus salários. Nesta mesma fábrica, aproximadamente **120 mulheres paralizaram por duas vezes o trabalho** como protesto contra o despedimento de 6 operárias, exigindo a sua readmissão, o que conseguiram.

São os operários da **Companhia Industrial Portugal e Colónias**, que por lutarem de uma **Comissão Conjunta** das fábricas desta empresa, Monçom Brito, Napoleão e Portugal e Colónias, expõem perante a gerência a situação de toda a classe, apresentando, entre outras reivindicações, o pedido de aumento de salários. Depois de várias demarches obtiveram um

aumento geral de 4.500.

São os operários da Fábrica de Chitas, de Sacavém, que por meio de uma Comissão exigem do patrão um aumento de salário combatível com o custo de vida. Em resultado desta acção, obtiveram um aumento de 2.500 e 5.500 tendo os homens também beneficiado de um aumento de 3.500 e 5.500.

Este exemplo mostra a necessidade de **homens e mulheres lutarem em conjunto**, formando **Comissões Mistas de Unidade**.

São os operários da Fábrica Textil Pereira & Irmãos, de Vila do Conde, a seguir à sua luta vitoriosa contra o descanso nos dias santos, em troca de 2 horas de trabalho por dia para descansar, elegeram uma Comissão e foram ao Sindicato fazer uma exposição verbal para ser transmitida ao Ministro da Economia, pedindo mais generosidade no preço da tabaco, pelo qual a comprar o milho a 35.500 e o algodão a 12.500, o azeite a 22.500; o salão a 16.500; o arroz a 12.500, pelo que pedem providências, visto que o ministro diz estar tudo mais barato.

Os conserveiros movimentam-se

Os operários conserveiros de Setúbal, Portinho, Olibo e Vila Real de Santo António, vêm empreendendo **marchas** no sentido de que os fundos depositados na Caixa de Previdência, durante estes 38 meses e que atingem já 30.000 contos passem a ser empregados, o que não tem acontecido até ao presente. Em Setúbal, estes operários elegeram uma Comissão Sindical que, em nome dos operários, solicitou uma Assembleia Geral no Sindicato para analisar a questão de Caixa Sindical de Previdência. Os dirigentes deste organismo apresentaram-se a pedir à Comissão para ir a Lisboa, no mesmo tempo que lhe pediam para não realizarem a Assembleia, concedendo imediatamente o subsídio de mais 20.500 às operárias no tempo de defesa. Pediram ainda à Comissão para ajudar a direcção do Sindicato na procura de uma casa para consultório médico. Os dirigentes dos sindicatos dos conserveiros do Algarve foram pressionados também

PREPAREMOS-NOS
PARA AS ELEIÇÕES SINDICAIS DE 1947-48

Em 1945, sob a orientação do P. Comunista, os trabalhadores alcançaram uma grande vitória, apesar de toda a série de trapaças e falcatruas usadas pelo fascismo para evitar que os trabalhadores colabassem à frente dos seus sindicatos homens de sua inteira confiança. Não obstante isso, muitas direcções honradas foram cedeias, e, mais o seriam se então os trabalhadores não tivessem cedido às manobras e provocações dos rufões do fascismo, abandonando, em muitos casos, as Assembleias Gerais como protesto contra as irregularidades que estavam sendo cometidas, deixando assim o campo livre aos inimigos dos trabalhadores.

Entreguemos com as experiências de 1945, os trabalhadores, segundo sempre a orientação do seu melhor guia — o P. Comunista — preparámos para vencer as direcções dos sindicatos, os seus peores inimigos — os vendidos ao governo fascista e

o patrão reaccionário e explorador.

Os trabalhadores, pela sua própria experiência, tinham compreendido que os sindicatos com homens da sua confiança nas direcções, eram instrumentos de primeira ordem para defesa e conquista de muitas das suas reivindicações e aspirações.

Dando-se conta da firme disposição e compreensão dos trabalhadores — e isto apesar de estarmos então em plena época de Democracia Orgânica — o governo fascista de Salazar, desrespeitando as suas próprias leis e tratando as promessas feitas, publicou o estúpido decreto de 28/12/1945, adiando por mais dois anos as eleições sindicais.

Com esta medida anti-democrática, o governo tinha por objectivo ganhar tempo, adormecer a vontade combativa das massas trabalhadoras e tomar medidas draconianas, no sentido de não correr o risco de uma derrota que então seria certa. Do então para cá o governo de Salazar tem demitido algumas direcções sindicais, tem ameaçado com medidas piores outras, impede toda e qualquer movimentação dos trabalhadores Sindicatos Nacionais, tudo no ponto de impedir a frequência dos mesmos pelos seus associados. Por outro lado, em 1945, ameaçou e proteger todos os líderes dos sindicatos das Caixas Sindicais e de Previdência.

Hoje, em vésperas de eleições, o fascismo salazarista apressa-se na aplicação das suas medidas anti-democráticas nomeando Comissões Administrativas para dirigirem os sindicatos, prendendo alguns dirigentes dos Sindicatos e ameaçando com a prisão todos aqueles que não estejam dispostos a fazer o jogo do fascismo e a trai-la sua classe. Nalguns casos, mesmo, tem ido no ponto de antecipar as eleições a alguns Sindicatos.

Apesar de todas estas medidas anti-democráticas e terroristas, o governo enganouse e enganar-se-á, estamos disso certos: **se julga que os trabalhadores esgotaram todas as suas energias combativas e perderam o amor à Democracia e à Liberdade.**

Os trabalhadores portugueses, nas Eleições Sindicais de 1947-48, irão demonstrar mais uma vez, que sabem lutar pelos seus direitos e aspirações.



Da queda do governo de Salazar, depende uma maior produção para o Povo

A incapacidade e a incompetência do governo salazarista para resolver os problemas fundamentais que afetam a nação, revelam-se a todo o momento aos olhos do povo. Agora a produção deficitária do trigo é atenuada unicamente as más condições climáticas. Entretanto, as razões justificativas da baixa produção de trigo residem fundamentalmente na política fascista de protecção desceçada aos grandes monopolistas agrícolas, que continuam mantendo inculto mais de um milhão de hectares de terra, enquanto mais de 500.000 camponeses continuam sem ter um palmo onde lançar uma semente. Elas residem na falta de estímulo nos médios e pequenos produtores, que cada vez são mais sobrecarregados com toda a espécie de cargas tributárias e alcavotas camarárias, à falta de auxílio técnico, à falta e má distribuição de adubos; à ausência de facilidades de crédito. Elas residem no facto de o subsídio do trigo continuar sendo entregue nos donos da terra que vivem à larga nas cidades, em vez de ser, como o estipula o decreto que o criou nos que trabalham a terra. Elas residem nas requisições dos Grêmios e Federações de tudo quanto o produtor colhe a preços que não comportam muitas vezes os gastos do produtor. Elas residem na política de importações de produtos para sentir-se quem tiver de estar fora, em vez de se fomentar a sua produção no país com o consequente auxílio estimulante do Estado. Elas residem na ausência de uma verdadeira Reforma Agrária e não nessa farsa de Reforma que o governo de Salazar se prepara para anunciar na primavera, cuja amostra se pode ver na colocação de 10 ensais

na herdade do Pereiro, cujo fim não é outro senão a criação de uma nova classe camponesa reaccionária que sirva de tampão entre os grandes agrícolas e a massa salazarizada e desta forma responder aos clamores, que condenam o salazarismo de responsabilidade nacional e atenua da agricultura nacional (Informe sobre a situação política no CC em Junho de 1947).

Por outro lado, ainda, elas residem em se não fomentar a produção e consequente importação das colónias de produtos essenciais à alimentação do povo, mas a prepos compensadores para os produtores coloniais.

E assim se compreende que o governo ao anunciar, a actual situação deficitária do trigo, comunique: «O país precisa de trigo, para tal tem a lavoura de encontrar as condições necessárias para tirar um maior rendimento...»

Como se vê, o governo deixa à lavoura todo o encargo, toda a iniciativa, todas as cancelas e responsabilidades dum maior produção futura, quando está demonstrado que a lavoura por si só não poderá resolver essas dificuldades sem um auxílio eficaz.

Por outro lado, deixa ao povo a certeza da continuação do relacionamento do pão, se não a sua diminuição, à incorporação de milho e de centeio no pão e a determinação de avançar nos produtos todo o trigo que produzam.

Isto significa, ainda, que o povo terá que pagar o pão mais caro. Ao decretar que o actual pão de 1.^a balca 580 em quilo, que o de 2.^a se mantenha ao mesmo preço e ao criar um novo tipo especial de pão a 580 e 200 quilo, o governo não tem outro objectivo senão o de um futuro próximo manter o seu nível

de pão — o de 1.^a e o de tipo especial — o que significa que o povo terá de passar a pagar o pão mais caro 1300 em quilo.

O Partido Comunista, ao mesmo tempo que denuncia e torna responsável o governo por esta situação, realça ser necessário e urgente a operação de distribuição de mais de um milhão de hectares de terra inculta pelos camponeses pobres, em certeza de que estes saberão pô-la em condições de produzir mais produtos para o país. Por outro lado, uma tal medida, iria resolver a crescente crise de desemprego que alastra nas regiões rurais principalmente no Alentejo.

Paralelamente, às medidas acima apontadas, é necessário lutar para que seja fornecido à média e pequena lavoura sementes, adubos, empréstimos e serviços agrícolas e a longo prazo para fins de cultura. Reduzir-lhes as contribuições e alcavotas camarárias, atribuindo o maiores encargos aos grandes agrícolas monopolistas da terra portuguesa, cujas fortunas foram amassadas à custa da fome e miséria das massas camponesas. É necessário lutar igualmente pela venda livre dos produtos de que o mercado está assegurado.

Mas, não nos iludamos. Não será o governo fascista de Salazar a seguir uma tal política, embora possa lutar das massas e só pela luta, se conseguir arrancar-lhe tudo. Uma tal política de progresso, só um governo que represente o verdadeiro sentir do nosso povo, a poderá seguir. Por isso, urge que todos aqueles que aspiram a um Portugal livre, próspero e independente, se unam e lutem cada vez com mais firmeza, pelo derrubamento do governo fascista de Salazar.

Franco abre as portas ao IMPERIALISMO AMERICANO

A explosão no porto de Cádiz, foi devida à política de guerra do franquismo. Foi devida às experiências realizadas ali por elementos nazis.

A catástrofe de Cádiz — índice da política belicista do regime fascista espanhol

a construção de novos campos. Só a nova pista em Barcelona, cuja construção deve estar terminada em breve, permitirá a aterragem de cem aparelhos por hora. Ora, a Espanha não tem, na presente situação, tal afiliação de vias de comunicação aérea que justifique um tão alto nível aeroportuário.

«Mundo Obrero», «L'Humanité» e «Franc Tireur», desmascararam a completude do franquismo nesta catástrofe sofrida pelo povo de Cádiz e salientam que isto significa como índice da política belicista do regime fascista de Espanha e perigos que esta encerra para a Paz, para a democracia no mundo, insistindo na necessidade de se pedir responsabilidades deste facto e tomar mais energias medidas para este foro de guerra. De toda a política do franquismo e do sofrimento do povo espanhol sob a sua pata sangrenta, não se poderá desviar nem o facto de existirem nas praias de Espanha para cima de 100.000 presos (entre os quais mais de 20.000 mulheres) nem, como tentativa de comprar a sua salvação, as facilidades dadas ao grande capital e à reacção estrangeiros intimamente ligados.

Para o comprovar está o facto de nos últimos contactos estabelecidos pelo governo franquista e as companhias de aviação americanas, os Estados Unidos ficarem com uma verdadeira base aérea, na Península. Em Madrid, as pistas existentes estão a ser melhoradas e a construir-se novas e grandes hangares e em Barcelona, Sevilha, Valencia, Bilbao, Saragoça, Vigo, Santander, Las Palmas e Matoreca.

Para o comprovar está o facto de nos últimos contactos estabelecidos pelo governo franquista e as companhias de aviação americanas, os Estados Unidos ficarem com uma verdadeira base aérea, na Península. Em Madrid, as pistas existentes estão a ser melhoradas e a construir-se novas e grandes hangares e em Barcelona, Sevilha, Valencia, Bilbao, Saragoça, Vigo, Santander, Las Palmas e Matoreca.

RECTIFICAÇÃO Amortaldade (Avante! n.º 101) infra-limbo de 250000 mais 50000. As despesas do M. do Interior com a PIDE, PSP e GNR não são 1.500 mas 160.000 contos. O n.º de portugueses mortos por tuberculose é de 20 mil.

INIMIGOS Os chinchesos que mataram a Sr.ª Alfredo de Diniz, Sr. José P. O. V. O. Gonçalves, Gouveia, António Lopes e Gomes da Silva. Que se apurem responsabilidades se julguem e condenem os assassinos.

O GOVERNO É O PRINCIPAL RESPONSÁVEL DOS DESASTRES FERROVIÁRIOS

O trágico desastre de Vila Franca, em que perderam a vida 18 pessoas, logo seguido dos de Paredes (Douro), Contumil (Porto), Campanhã (Porto), Setil e por fim, o desencarnamento da linha do Oeste, em que ficaram feridas 5 pessoas, veio chamar as atenções do nosso povo para os serviços da maltratada C. P. Em menos dum mês, assistiamos-se a mais de dez desastres ferroviários. E se é certo que só o de Vila Franca teve trágicas consequências, não é menos certo que os restantes as teriam igualmente se não fora o facto de se terem dado nos locais em que tiveram lugar. Se não fora a barreira que amparou todo o comboio na linha do Oeste, teríamos hoje a assistência um desastre, cujas consequências seriam o de Vila Franca a perder de vista.

Porque se dizem todos estes desastres? Eles deram-se e continuaram-se só a dar, porque o material na sua grande parte é velho, está a desorganizar-se todo. Mas, não obstante isso, os comboios andam sempre repletos e com carga demasiada. Assim, no desastre de Vila Franca, foi um eixo de uma valia arrastada que partiu; no da linha do Oeste, verificou-se serem as travessas que estavam podres, e daí o comboio virar-se todo sobre a barreira. Tudo isto sabe a C. P. e o governo fascista de Salazar, mas como os dirigentes da C. P. e os homens do governo são, por assim dizer, uma e a mesma coisa, tudo continua na mesma, não se saem responsabilidades e não se castigam os culpados. Para estes monopolistas sem-pitudo pouco interessam as vidas de mais umas tantas pessoas desde que os seus interesses não sejam tocados.

As tardias aumentaram e finalmente o preço dos bilhetes, mas, entretanto, os salários dos ferroviários são quase os mesmos e o material ferroviário não é substituído nem aumentado, pelo contrário, ele cada vez está em pior estado e é menos do que era há dez anos.

A C. P. NÃO É A ÚNICA RESPONSÁVEL DOS DESASTRES HAVIDOS. O PRINCIPAL RESPONSÁVEL É O GOVERNO DE SALAZARI

A C. P. foi deixado o campo livre para inquirir das causas da tragédia de Vila Franca. Como era de esperar, a C. P. concluiu que o desastre foi fortuito, que o material da composição estava em ótimo estado, que não houve excesso de lotação, nem de carga, nem de velocidade. E, enfim, diz-nos que não há responsabilidades a impor. Poderá! Então, quem é o responsável? Não, não pode ser. Esta conclusão é um insulto ao povo português, é um insulto às vítimas do desastre, é um insulto aos jornalistas que na rarum o desastre ao público!

Ora, o governo é o principal responsável de todos estes desastres porque em vez de impor obrigações à C. P., de ele próprio, como era seu elementar dever, inquirir e impor responsabilidades, fecha os olhos a tudo como se de uma coisa sem importância se tratasse. E, entretanto, o campo para novos desastres continua aberto — as vidas de quem precisa de viajar e dos ferroviários continuam entregues à vontade dos potentados da C. P.

Portugueses! Exigi que sejam tomadas medidas energicas no sentido de se evitarem novos desastres, levando o governo a impor à C. P. a substituição do material incapaz e a reparação das linhas de forma a oferecerem segurança aos passageiros. Exigi que responsabilidades sejam saçadas aos responsáveis dos desastres havidos e o castigo dos mesmos.

Que a C. P. seja obrigada a pagar pensões suficientes para se viver decentemente às famílias das vítimas da tragédia de Vila Franca!

Defendamos a Cortiça portuguesa

PORTUGAL é o primeiro produtor mundial de cortiça. A sua produção anual é de mais de 50% da produção mundial. Contudo, porque o nosso país está essencialmente desenvolvido industrialmente, porque as principais firmas que negociam com a cortiça são estrangeiras; porque durante e depois da guerra Portugal perdeu todo o contacto com os países de metade da Europa; a situação da indústria corticeira não é o que podia e devia ser — uma fonte de trabalho certo para os operários portugueses, origem de riquezas que permitissem auxiliar a elevar o baixo nível da nossa vida. Desde sempre, Portugal tem sido quase que só um fornecedor de matérias-primas que, em bruto ou quase são exportadas para as grandes fábricas do estrangeiro. No que toca à cortiça, então, só em 1942 (?) é que o governo republicano determinou que nenhuma cortiça podia ser exportada sem antes receber um mínimo de trabalho nacional: colheita, raspagem, etc.

Passaram-se os anos, passaram-se mais estes 21 anos em que a ditadura fascista não se em cansado de proclamar que **resolveu ou vai resolver** os problemas do povo português e nunca a cortiça recebeu solução do seu problema: **uma produção organizada que utilize e se complemente até aos produtos acabados a matéria prima nacional.** Em vez dos estafados discursos sobre «Portugal, país essencialmente agrícola, para os pobres, para os ricos, etc., etc.», estava ali um campo de actividade absolutamente seguro, visto que a posse de mais de 50% da cortiça mundial, com possibilidade de ser aumentado, assim como a vantagem da mais elevada produção por hectare de sobreira! — permitiam um domínio incontestado do mercado.

Nada se fez senão ir deixando correr o marfim, vendendo muito se compravam muito, não vendendo

nada, se nada compravam. Os donos dos sobreiros iam desbaratando os sobreiros dum forma esgotante anti-nacional e as grandes fábricas estrangeiras, geralmente associadas dos grandes fabricantes de produtos da cortiça no estrangeiro — eram absolutamente indiferentes à sorte vária do mercado da cortiça. No meio destes, os operários corticeiros e os industriais portugueses, pequenos e médios, geralmente desajudados, isolados de embalcamos com as firmas estrangeiras fora do país e submetidos a dura vassalagem dentro dele, iam aguentando as contingências da sorte, que eram, afinal, as da própria independência económica do nosso país.

Ultimamente, porém, as coisas agravaram-se. Depois de um período de grandes negócios, os mercados começaram a fechar-se, cada vez mais, para as firmas portuguesas corticeiras; o trabalho começou a escassear para os operários que, em muitos lados, só trabalhavam algumas por semana. Já vêm a possibilidade de ficarem sem dia nenhum de trabalho, o que alguns pontos é já dura realidade.

A causa imediata desta situação, está na venda no desvalorizado de cortiça que Franco está a fazer aos ingleses, levado, por um lado, pela catástrofe económica a que conduziu a Espanha e, por outro lado, pretendendo assim pagar o apoio tácito que o tem ajudado a manter-se no poder. Vendendo a cortiça a preços miseráveis, subsidiando para isso os exportadores espanhóis, Franco, o cúmplice de Salazar, ajuda a arruinar a economia nacional e é o causador imediato da crise que a indústria portuguesa da cortiça está sofrendo.

Porém, tal situação não seria coisa de temer, os seus efeitos seriam muito mais brandos, se Portugal tivesse uma indústria corticeira (de portugueses e não de ingleses ou americanos) que trabalhasse, com uma técnica

moderna, e cortiça, até às suas últimas aplicações e se Portugal tivesse relações comerciais amplas com todos os países do mundo.

Hoje, merecda política ruinosa de Salazar, dá-se exactamente o contrário: Portugal não mantém relações económicas com os países da Europa Oriental, alguns dos quais, como a URSS e a Tchecoslováquia, poderiam ser grandes compradores de cortiça e de outros produtos nacionais, como já por vezes alguns interessados têm levantado na imprensa. Além disso, muitos dos antigos clientes do Portugal, como as cortiças portuguesas (e as conservas, as resinas, etc.) por intermédio da Inglaterra, que fica com a parte de leão. Esta política de cedência das riquezas nacionais, só acabará definitivamente quando um governo democrático de Concentração Nacional tome conta do poder e encaminhe o país para uma situação de dignidade e independência que lhe permita tratar não só do fomento da riqueza nacional como de estabelecer relações amplas com todos os países do mundo, numa base de igualdade e justiça — a única aceiteável por povos livres.

Entretanto, todos os imediatamente interessados em vencer esta crise deverão, NUMA GRANDE SA CAUSA COMUNITÁRIA, tratar com o governo dos remédios a dar a uma situação activa.

O P. Comunista, com a consciência plena dos seus deveres para com o fomento da economia portuguesa, com responsabilidades directas no sentido de se criarem as bases necessárias para assegurar a todos os portugueses uma vida desafogada e digna, apela todas as medidas com esse fim e incita os corticeiros a dar todo o seu esforço nas diligências necessárias. Esta causa é de todos os operários e industriais corticeiros, não só porque corticeiros mas principalmente porque portugueses visto que é uma boa parte do futuro de Portugal que está em jogo.

Levando às diresões dos seus Sindicatos o nome da sua inteira confiança.

TRABALHADORES! TODOS preparados para as Eleições Sindicais de 1947-48! Formai Comissões Sindicais de empresa e de indústria para dirigirem a luta eleitoral! Já imediatamente, sem perda de um minuto, se elaborarem LISTAS DE UNIDADE, compostas de homens e mulheres honestos e dedicados à sua classe. Que TODOS regularizem a sua situação sindical de forma a estarem em condições de elegem e serem eleitos para as direcções dos Sindicatos!

TRABALHADORES! Nomeai Comis-

Eleições SINDICAIS — (CONCLUSÃO)

ra fiscalizarem e vigiarem as urnas! Atentos ante qualquer anteposição de eleições, acordem em massa e Sindicato onde elas se vão realizar, a eleger homens da vossa inteira confiança!

TRABALHADORES! Vigilantes e mobilizados para vos opordes a um novo possível adiamento das Eleições Sindicais.

Que as listas fascistas, os trabalhadores oponham verdadeiras LISTAS DE UNIDADE NACIONAL!

Avante, para a VITÓRIA nas Eleições Sindicais de 1947/48!

pelos seus associados para intercederem junto da direcção da Caixa de Previdência no mesmo sentido, tendo já enviado uma exposição a essa Caixa.

Operários e operárias conserveiros!

Continuai a apoiar as vossas Comissões que já vos trouxeram algumas vitórias. Nas fábricas onde ainda não estejam constituídas, elegel-as, fortalecendo a vossa unidade para a conquista de mais regularias.

TRABALHADORES!

Há que intensificar a luta pela satisfação das vossas reivindicações, pelo aumento de salários,

Os trabalhadores lutam pela defesa de 6 dias de trabalho por semana, contra quaisquer cortes nos salários, quer cortes nos salários ou de prefixo de serem superiores aos fixados pelos miseráveis despachos!

(Conclusão)

Que por toda a parte se formem e elejam Comissões de Unidade compostas pelos homens e mulheres mais honestos e decididos de entre vós, para orientarem, coordenarem e unificarem as lutas e démarches pela conquista e defesa das vossas reivindicações.

Avante pelo ALARGAMENTO da pequenas e grandes lutas reivindicativas à ESCALA NACIONAL!